

Maior superávit, maior recessão

por Pedro Cafardo
de São Paulo

Para alcançar um superávit comercial de US\$ 5 bilhões e captar apenas US\$ 13 bilhões, em recursos externos, seria necessário promover uma brutal reformulação da economia brasileira que, em nenhuma hipótese, poderia ser conseguida em prazo tão curto. Esta é uma das conclusões a que chegou o diretor da Roland Berger Associados — Consultoria Internacional, Hans Joachim Apostel, com base em trabalho econômético no qual analisa os efeitos das restrições externas sobre o crescimento de cada setor econômico.

"A hipótese é esdrúxula", disse Joachim Apostel durante seminário que a Roland Berger promoveu ontem em São Paulo. Analisando os últimos 144 meses (doze anos) da história da economia brasileira, o trabalho mostra que as restrições externas têm influência direta e implacável sobre a variação do produto. Um volume de captação de US\$ 18 bilhões e um superávit comercial de US\$ 1 bilhão, segundo o modelo econômético proposto, produziriam uma retração de 0,7% na produção do País. "A medida que se tente aumentar o superávit, aumentará o sacrifício", afirma Apostel. Um superávit de US\$ 3 bilhões, com o mesmo volume de captação de US\$ 18 bilhões, por exemplo, significaria uma recessão de 4,5%. Quanto maior o superávit e quanto menor a captação, maior a recessão. Apenas, a título de exemplo, o modelo simula um superávit comercial de US\$ 3 bilhões com captação de US\$ 17,5 bilhões, o que provocaria uma queda de 10% no produto.

DEPENDÊNCIA

Todas essas simulações partem do princípio de que seria mantida a atual estrutura da economia brasileira, fortemente dependente do exterior. Os vários setores da economia brasileira, principalmente a indústria, precisam de capi-

tal líquido para crescer e, portanto, são extremamente sensíveis à entrada de divisas no País. Pela primeira vez, segundo Joachim Apostel, montou-se um modelo econômético que desce a detalhes que revelam como os vários setores e até subsetores dependem de capital externo para manter o seu crescimento.

Historicamente, cada ponto percentual de crescimento no setor de bens de capital, por exemplo, provoca um déficit de US\$ 583 milhões na balança comercial e uma captação externa de US\$ 290 milhões, com um saldo negativo para o balanço de pagamentos de US\$ 293 milhões. A mesma taxa de crescimento (1%) no setor primário (agricultura) significa superávit anual de US\$ 124 milhões e um saldo devedor de US\$ 92 milhões quanto à captação (ver tabela).

A dependência externa decorre, basicamente, explica Apostel, do fato de que os investimentos foram feitos em setores que não geram caixa para futuros

| DEPENDÊNCIA EXTERNA (Impacto para cada 1% de crescimento) | | | |
|--|------------------------|-----------------------|-------|
| SETOR | Balança Comercial US\$ | Captação Externa US\$ | Total |
| Primários | + 124 milhões | - 92 milhões | + 32 |
| Bens de capital | - 583 milhões | + 290 milhões | - 293 |
| Intermediários | - 158 milhões | + 16 milhões | - 142 |
| Duráveis | + 259 milhões | - 175 milhões | + 84 |
| Consumo | + 562 milhões | - 199 milhões | + 362 |
| Serviço | - 104 milhões | - 27 milhões | - 131 |
| | + SALDO EXPORTADOR | - SALDO DEVEDOR | - 87 |
| | - SALDO IMPORTADOR | + SALDO CREDOR | |

investimentos. Em consequência, a busca do superávit comercial ou a redução na captação externa necessariamente provocam recessão.

DESINVESTIR

A solução, diante desse quadro, somente poderia vir a longo prazo, através de um redirecionamento dos investimentos para projetos menos intensivos em capital e de retorno mais rápido. Na área estatal, a concentração em grandes projetos intensivos em capital e de longa maturação, lembra Apostel,

deu-se de forma dramática nos últimos doze anos.

Apostel propõe que os setores estatal e privado tomem uma "corajosa decisão de desinvestir". Não existe outra opção, a não ser concentrar a atenção unicamente em projetos onde se possa ter vantagens competitivas.